

ADEQUAÇÃO DE FERRAMENTAS BIOTECNOLÓGICAS PARA ESTABELECIMENTO *IN VITRO* E MICROPROPAGAÇÃO DE *Eugenia uniflora* L.

Samantha Mercês de Jesus¹; Kátia Nogueira Pestana de Freitas²; Mariane de Jesus da Silva Carvalho³; Weliton Antônio Bastos Almeida⁴.

¹Graduanda em Fisioterapia (UNIMAM), samanthamercês16@gmail.com; ²Doutora em Genética e Melhoramento (UFV), UNIMAM, katypestana@yahoo.com.br. ³Doutora em Ciências Agrárias (UFRB), FAMAM, marianejs@yahoo.com.br; ⁴Doutor em Fitotecnia (USP), FAMAM, weliton@famam.com.br.

A *Eugênia uniflora* L. popularmente conhecida como pitanga, é uma árvore frutífera e bem conhecida no Brasil. Ela se tornou objeto de estudo por possuir grandes efeitos medicinais. Assim, esta pesquisa teve como objetivo o estabelecimento *in vitro* e micropropagação da *E. uniflora*, a partir de sementes e explantes apicais e laterais de plantas coletadas na região do recôncavo baiano. O presente estudo foi desenvolvido no Laboratório de Biotecnologia aplicada a saúde do Centro Universitário Maria Milza (UNIMAM) localizada na cidade de Governador Mangabeira, Bahia. Durante todo o experimento os explantes foram mantidos em sala de crescimento com temperatura de $25 \pm 2^\circ \text{C}$ e fotoperíodo de 16 horas e $40 \mu\text{M m}^{-2} \text{s}^{-1}$ de intensidade luminosa. Cinco testes foram realizados com intuito de verificar os melhores resultados. O primeiro foi realizado, com partes apicais e laterais da planta, e sementes da pitangueira e colocados no meio WPM. O segundo teste, utilizou-se sementes da cultura escarificadas antes e após a desinfestação e inoculadas no meio WPM, como resultado apresentou bom desenvolvimento de parte aérea, porém não houve bom desenvolvimento de raízes. O terceiro teste foi realizado no meio sólido 2GGC, com explantes considerados aptos oriundos do segundo teste, porém, houve um grande número de explantes oxidados. O quarto teste, foi realizado com partes apicais e laterais de uma pitangueira, no meio 2 GGC com diferentes concentrações de BAP (0,0; 0,25; 0,5 e $1,0 \text{ mg L}^{-1}$), porém com esse teste houve um alto nível de contaminação. E o último teste realizado com partes apicais e laterais da mesma pitangueira do teste quatro, porém com o tempo de desinfestação superior, sendo três minutos em álcool 70% e 20 minutos em hipoclorito de sódio 1:1, colocados no meio WPM com $0,25 \text{ mg L}^{-1}$ de ANA, e acrescentados diferentes concentrações de GA3 (0,0; 0,25; 0,5 e $1,0 \text{ mg L}^{-1}$), pode-se observar que mesmo aumentando o tempo de desinfestação o teste teve quase 100% de contaminação. A partir dos resultados obtidos, verificou-se que o melhor teste foi com sementes escarificadas antes e após a desinfestação em meio WPM. Quanto aos testes realizados, observou-se que há a necessidade de dar continuidade a estes quanto aos métodos de desinfestação, meios de cultivo e doses de fitorreguladores visando à melhoria nos percentuais de enraizamento e brotação dos explantes, bem como na redução de explantes oxidados e contaminados. Tendo em vista que para a espécie, são poucas as informações quanto aos métodos de propagação vegetativa, dificultando assim a sua multiplicação *in vitro*. Os resultados aqui apresentados contribuem para o conhecimento de tais aspectos, embora ainda haja uma série de trabalhos a serem realizados para se atingir o objetivo de propagar a pitangueira satisfatoriamente.

Palavras-chave: Pitangueira. Plantas Mediciniais. Contaminação. Meio de Cultura.